

Tomás e o Duende

Era um país distante de todos os outros. Distante e tão diferente que até o seu nome nos chamava a atenção. Era conhecido como Fantália.

Para lá das montanhas de pedra onde nenhuma planta conseguia sobreviver, surgiam florestas e campos verdes. Quatro grandes lagos de água transparente também faziam parte da paisagem desta terra tão bonita. Tinham peixes de cores vivas que nadavam para lá e para cá provocando pequenas ondas que pareciam fazer uma alegre dança colorida.

Junto de cada um destes lagos existia uma pequena cidade. Os seus nomes eram Dea, Mita, Fai e Loki. Mas aquela onde decorre a nossa história é Fai e é tão fantástica como as outras cidades. Nela existe uma rua parecida com as restantes ruas da cidade, a Rua 25 e Um Livro, e é nesta que vive o Tomás, o menino de quem vamos falar. Tomás conhecia bem a história do nome da sua rua. Muitos anos atrás quando a cidade ainda era uma aldeia e esta rua ainda era um simples caminho de terra, existia neste local um sítio especial onde era guardado um livro. Era um livro muito importante porque ensinava tudo sobre magia e também sobre como as pessoas podiam vir a ser especiais. Naquela altura os habitantes da aldeia eram apenas 25 e todos se reuniam ali para aprender. Foi assim que, com o decorrer dos anos, se transformaram em gnomos, fadas, feiticeiros e muitos outros seres fantásticos. É por esta razão que esta rua chama-se agora “25 e Um Livro”.

Tomás tinha acabado de sair de sua casa. Acenou à sua mãe, a fada Leza, e encaminhou-se para o passeio em direção à escola. Pouco depois passou por ele o bom feiticeiro Prilipo. Conduzia a sua máquina voadora que se deslocava silenciosamente pela estrada.

- Tomás, meu jovem, vai tudo bem?

- Sim, tudo bem – acenou o menino para o seu amigo mais velho.

- Queres boleia até à escola? – convidou-o Prilipo.

- Não, obrigado. Prefiro ir a pé. Esta manhã está tão bonita...

- Certo, meu rapaz. Até mais logo! – e o feiticeiro acelerou pela rua fora deslizando a cerca de um metro do chão.

Tomás ia a pé mas, para além da mochila às costas, carregava debaixo do braço o seu skate sem rodas que também podia deslizar como a máquina voadora do amigo Prilipo. Com muito menos velocidade é claro, pois servia sobretudo para as brincadeiras com os amigos.

Já ia a meio do caminho quando de repente saltou duma árvore um pequeno duende que parou à sua frente. Tal como todos os duendes este também vestia uma fatiota para dar nas vistas, onde as cores azul e laranja iam dos pés à cabeça.

- Olá menino pequeno! – cumprimentou o duende.

- Achas que sou pequeno mas mesmo assim sou maior do que tu – Tomás mostrou um ar aborrecido.

- Pronto, pronto, não precisas de te zangar – pediu o homenzinho baixo.

- Agora sai da minha frente que estás a atrasar-me – mandou o menino. Não gostava nada destes duendes feios, com os seus narizes enormes, os olhos esbugalhados¹ e bocas grandes onde surgiam uns dentes amarelos quando se riam. Pareciam andar sempre despenteados com os seus cabelos de vassoura. Iac! Horríveis.

E lá continuou a caminho da escola deixando para trás um duende mal jeitoso que nem acreditava ter sido tratado assim. É certo que os duendes viviam sobretudo nas florestas, daí aparecerem muitas vezes empoleirados nas árvores dos jardins e ruas da cidade. Mas não eram diferentes de todos os outros seres, só porque eram baixinhos e feios. E lá foi o homenzinho azul e laranja a coçar a cabeça, ainda sem perceber porque aquele menino tinha sido tão rude² para ele.

Era mais um dia calmo na cidade de Fai. A altura de maior bulício³ era depois de almoço, no centro da cidade, onde existia o mercado. Havia muito tempo que tinha sido decidido manter o mercado a funcionar na principal praça da cidade, tal como sempre acontecera mesmo quando ainda era uma aldeia. Era o sítio ideal para as pessoas se encontrarem e conversarem com os amigos, para além de fazerem as suas compras. É claro que era um mercado moderno onde se vendia de tudo, desde a fruta e os vegetais até aos computadores com forma de tablet que funcionavam apenas com o pensamento, e sem esquecer os pozinhos mágicos usados tantas vezes pelas fadas.

Leza, fada e mãe do Tomás, também tinha ido fazer as suas compras e voltava agora para casa. Como passava perto da escola do filhote

¹ Grandes e abertos

² Malcriado, não mostrou simpatia

³ Grande movimento

resolveu esperá-lo à saída. Quando estava quase a chegar, já o professor conhecido como O Grande Mago começava a despedir-se da criançada. Tomás viu a mãe aproximar-se do outro lado da rua e acenou-lhe todo contente. Rapidamente estendeu o seu skate no ar, com um pequeno salto sentou-se em cima, e arrancou para deslizar pelo ar até à mãe.

De repente ouviu a mãe gritar-lhe. Estava já a entrar na estrada para atravessar quando viu a máquina voadora do feiticeiro Prilipo a aproximar-se velozmente. Não teve tempo de fazer nada. Apenas sentiu que alguém o agarrava com um braço e o puxava para cima. Entretanto o seu skate agora a voar sozinho partiu-se em mil pedaços depois de chocar com força contra a máquina do feiticeiro.

Foi um susto enorme. Enquanto Prilipo e a fada Leza corriam até ao menino, Tomás sentiu-se a pousar no chão por quem o tinha agarrado.

- Estás bem filho? – perguntou a mãe aflita.

- Estou, acho que sim – gaguejou Tomás ainda meio tonto. – Ia atravessar sem ver.

- Esqueceste-te da regra meu rapaz – avisou Prilipo. – Os skates não são para andar na estrada.

O menino ouviu a mãe agradecer a quem o tinha agarrado e retirado do skate.

- Obrigado, meu bom amigo, se não estivesse nesta árvore não sei o que poderia ter acontecido ao meu filho.

Tomás voltou-se e olhou para a pessoa que o tinha salvo. Era o duende da roupa azul e laranja que tinha encontrado de manhã a caminho da escola.

- Obrigado, muito obrigado. – E após uma pequena hesitação abraçou-o.

- E desculpa – adiantou Tomás. – Desculpa ter sido tão mal educado esta manhã.

- Aaaah, não faz mal. Às vezes dizemos coisas sem pensar. – E lá foi o duende rua fora com a certeza que tinha ganho um amigo. – Até amanhã! – disse ainda.

No regresso a casa pela mão da sua mãe Leza, Tomás foi a pensar que tinha aprendido muito naquele dia. Aprendeu principalmente que nunca devia pensar mal dos outros só porque não eram bonitos ou porque não se vestiam bem. O que interessava mesmo era saber que as pessoas podiam ser boas e nossas amigas. Decidiu que a partir desse dia ia aceitar todas as pessoas tal como eram, mesmo que tivessem defeitos. Desde aí Tomás ainda fez mais amigos para além dos que já tinha.